

*Discurso na cerimônia de entrega do  
Prêmio Internacional de Alfabetização da  
Unesco ao Instituto Brasileiro de Estudos e  
Apoio Comunitário (Ibeac)*

**PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 13 DE SETEMBRO DE 2001**

*Senhores Ministros das Relações Exteriores e da Justiça; Dona Malu Montoro; Senhor Representante da Unesco, Jorge Wertheim; Senhoras e Senhores aqui presentes,*

Hoje é um dia de satisfação, porque nós, aqui, temos a possibilidade de assistir ao reconhecimento de um trabalho que vem de longe. E um trabalho que vem a partir do incentivo de uma figura que a todos nós toca. Todos nós devemos bastante a essa figura, que foi Franco Montoro.

Não posso me esquecer das inúmeras vezes em que Montoro tentava me catequizar para ações como as do Ibeac. Montoro tinha essa característica que todos nós, que o conhecemos, sabemos: ele era insistente. Quando queria uma coisa, ele dizia, falava, repetia. Aprendi muito com ele. Não consegui imitá-lo, mas aprendi bastante. Inclusive que era uma permanente preocupação de Montoro deixar na mão das pessoas algum papel. Ele sempre tinha um papelzinho para entregar, porque achava que era preciso mostrar o que se está fazendo.

Pois bem, hoje, temos um papel enorme aqui, que foi entregue. Foi a Unesco mostrando o que o Ibeac está fazendo. Isso é muito importante porque é um coroamento de um esforço grande. Esse Prêmio Noma é um reconhecimento internacional do que o Ibeac já fez. São quantos milhares de pessoas? Cem mil pessoas foram alfabetizadas. E é também um estímulo, como já disse à Malu, em termos de parceria.

O mundo de hoje não pode mais imaginar que algo de significativo na área social seja feito a partir, pura e simplesmente, da ação do Governo. Tem que haver uma parceria. O Governo, com entidades privadas, não lucrativas, algumas lucrativas, com organizações internacionais como a Unesco. Enfim, é a sociedade, nas suas múltiplas formas de organização, desde as estatais até as não-estatais, que tem que se unir para chegar a algum objetivo. Senão, as coisas não funcionam.

Isso é o que está acontecendo com o Ibeac e com muitas outras organizações. O Comunidade Solidária se inspirou nesse exemplo de parcerias e, aí, também está fazendo seu trabalho na mesma base de buscar que vários setores se entrossem para chegarmos a um objetivo comum.

O Ibeac é um exemplo da validade e do êxito dessa proposta. E mais: tomando como objetivo algo que é de todos nós, que é a alfabetização.

Apraz-me dizer que, através de órgãos como este, e outros mais, e da ação direta do Governo, nós, hoje, estamos já vendo a possibilidade efetiva de terminar com o analfabetismo no Brasil. Isso é algo que é marcante. Hoje, sabemos que vamos acabar com o analfabetismo.

Nós, hoje, já temos nas escolas, como repetimos sempre, 97% das crianças em idade escolar – 97%. E o que é mais significativo, como disse o Ministro Paulo Renato, ainda recentemente, no dia 7 de Setembro, é que, já no começo dos anos 90, em 91, por aí, nas camadas mais ricas, estavam todos nas escolas – eram 99% nas escolas. Nas mais pobres, não era assim: eram 75%. Hoje, as mais pobres têm 93% nas escolas e, na média, 97%.

Então, realmente, esse acesso à educação ocorreu de fato. E foram os mais pobres que entraram nas escolas. Hoje, a pressão sobre o ensino secundário é grande. Hoje, já temos uma expansão da matrícula no curso secundário muito grande, em função desta pressão que

veio do acesso ampliado à educação. Isso, somado a programas como o do Ibeac e aos programas do Comunidade Solidária e a muitos outros – são muitos os programas de alfabetização – faz com que aqueles que ficaram à margem dessa rede tenham chances também.

Ora, se já temos 97% das crianças nas escolas, é só fazer a projeção: quando as crianças terminarem o seu curso primário, já não haverá, nessa faixa de idade, o número de analfabetos. Vai ser correspondente ao número de analfabetos dos países de melhores condições do que o Brasil.

Portanto, não é modo de dizer que estamos acabando com o analfabetismo no Brasil. Nós estamos acabando com o analfabetismo no Brasil! E isso me apraz, portanto, imensamente ver que justamente um instituto como o Ibeac, que teve esta origem e que tem essa continuidade aqui presente, pela ação de todos os que dele participam, faz parte dessa grande cruzada por um Brasil melhor.

De modo que eu queria simplesmente – muito assim, informalmente quase, só apenas recordando Montoro, Dona Lucy que sempre batalhou também pelo Ibeac – dizer que, efetivamente, o que a Unesco fez, Jorge, foi importante para todos nós. Para os que não sabem, o Jorge foi quase meu aluno. De modo que é um dia de muita emoção e todo ele baseado numa atividade que é uma atividade, digamos, de ensinar. E o que o Brasil mais precisa é que nós, todos, nos juntemos para acabar definitivamente, não só com o analfabetismo, mas acabar com a exclusão social pelas múltiplas formas dela. A principal é o analfabetismo. Agora estamos já numa nova rota, que é acabar com o analfabetismo dos que não sabem lidar com o sistema digital. Essa é uma outra luta, mas nós vamos entrar nessa mais cedo do que entramos na luta contra o analfabetismo. Nós levamos muitos séculos para poder dizer o que eu disse hoje. Séculos para dizer: está ao alcance da nossa geração terminar com o analfabetismo. Na questão do analfabetismo digital, nós começamos mais cedo. Então eu espero que nós possamos ir mais depressa também.

Meus parabéns a todos vocês e muitíssimo obrigado.